

A contaminação discursiva na obra *Pequenas epifanias*, de Caio Fernando Abreu.

Adriane Figueira Batista¹

RESUMO: Tomando como ponto de partida a contaminação discursiva, utilizar-se-á a obra *Pequenas Epifanias*, de Caio Fernando Abreu, para levantar questões sobre direitos humanos, liberdades individuais e pânicos coletivos. O HIV/AIDS foi e continua sendo encarado por meio de ideias que não são, necessariamente, realidades científicas, mas que agregadas aos contextos social, cultural e político, dividem-se em convencional e não convencional, criando um aparato falacioso e excludente.

ABSTRACT: Taking as my point of departure the discursive contamination found in *Small Epiphanies*, a work by Caio Fernando Abreu to raises questions about human rights, individual freedoms and social panics. I argue that HIV/AIDS was and continues to be construed via ideas that are not necessarily scientific fact and which, in our social, cultural and political contexts, can be divided into conventional and unconventional formations, resulting in an apparatus that is at once fallacious and exclusionary.

PALAVRAS-CHAVE: Contaminação discursiva; Caio Fernando Abreu; HIV/AIDS.

KEYWORDS: Discursive contamination; Caio Fernando Abreu; HIV/AIDS.

Preambulações

A eclosão em meados dos anos 1980 da epidemia HIV/AIDS atingiu de forma monumental a classe artística brasileira e deu munição para a mídia sensacionalista mais conservadora. Com o advento do HIV houve mudanças significativas no comportamento e na visão sobre relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, principalmente entre homens que, a partir de então, eram encarados como o símbolo dessa contaminação invisível. Isto desencadeou uma série de fatores, transformações no comportamento e um acirramento dos julgamentos morais contra qualquer um que tivesse uma conduta não convencional.

As siglas HIV (*Human Immunodeficiency Virus*) e AIDS (*Acquired Immune Deficiency Syndrome*) e seus respectivos significados em língua inglesa, encontram-se traduzidos no Brasil respectivamente como: vírus da imunodeficiência humana e *síndrome da imunodeficiência adquirida*.

¹ Mestranda Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa FFLCH USP.

O infectado pelo vírus HIV não é o doente de AIDS, ele é apenas o hospedeiro. O vírus pode permanecer durante anos no organismo do infectado sem apresentar os sintomas da AIDS, causada pela manifestação de infecções oportunistas, que desencadeiam uma série de complicações à saúde. Ser soropositivo não é necessariamente estar doente de AIDS. Feita esta ressalva, destaco que neste trabalho optei pela utilização de ambas as siglas quando convenientes.

No processo de conscientização, prevenção, acesso ao sistema de saúde e garantias de bem-estar para os doentes de AIDS, esbarramos em preconceitos e negações que atrasam ou simplesmente paralisam o cumprimento dos direitos humanos e do direito básico de todo e qualquer cidadão: o direito à dignidade. O discurso literário que não é isento desta contaminação, aqui, aparece como forma de driblar os estigmas, esclarecer as confusões, sair das margens e ultrapassar as fronteiras do medo e do silêncio.

Neste — salve-se quem puder — houve a reação dos artistas que assumiram clara e metaforicamente, em suas obras, a tarefa de sair do puramente moralista, tradicional, melancólico e de expressar esteticamente o HIV/AIDS como um fato a ser vivenciado.

No tocante aos textos literários que o escritor contemporâneo Caio Fernando Abreu nos legou e as contribuições teóricas a partir dos debates travados pelos estudiosos abaixo referenciados, destacam-se para esta pesquisa, em ordem cronológica, escritos publicados em jornais e reunidos em livro após a sua morte. Estes documentos dão uma pequena dimensão de como o HIV/AIDS atingia e contaminava corpos e mentes e de como essa temática foi inserida nesses textos de cunho jornalístico/literário. A vivência do artista em tempos de AIDS foi transposta em tom confessional e de modo poético para as páginas dessas *Pequenas Epifanias*, obra publicada em 2006 pela editora Agir (dez anos após a morte do autor) que reúne crônicas dos anos 1986 a 1995.

Teorias e discursos

A antropologia social oferece dispositivos científicos e possui extensos debates que legitimam as questões levantadas por este artigo. No campo simbólico e de construção de estigmas e pânicos coletivos que a sociedade é envolvida, as ciências sociais, médica e jurídica exercem grande influência. A partir das pautas tratadas com pouca cautela pelos ditos especialistas, houve uma difusão deturpada sobre a AIDS, os infectados, as consequências da infecção e, principalmente, sobre o processo de transmissão desde que a doença foi "descoberta" em meados da década de 1970.

Ernesto Meccia na obra *La cuestion gay* traz para o debate os mecanismos de construção e desconstrução discursivas acerca das (homo)sexualidades, desfazendo dicotomias e mostrando os estigmas e as questões pré-concebidas sobre a homossexualidade, de acordo com premissas heterossexuais e do próprio grupo "gay", lançando olhares multifocais sobre subjetividades e relações identitárias. Como se refletem, se socializam e se processam a aceitação e convivência entre os grupos. Para tanto, Meccia traça um panorama de comportamentos atribuídos aos homossexuais masculinos, o que ele chama de enfoque relacional e um estilo de vida gay. Ele chama atenção para a categoria "homossexual" não como um modelo próprio de conduta, mas como algo que cria e se estabelece como possibilidade de comportamentos diversos, como uma categoria discursiva baseada em construções e desconstruções da ordem do discurso social e político. As contribuições do antropólogo e militante do movimento LGBT, Miguel Vale de Almeida endossam as premissas da teoria queer² e da mudança de paradigmas nos discursos pós-descoberta da AIDS que expandem as análises de Meccia e o grupo gay.

Mais do que de transformações em instituições sociais como a família, a teoria queer advém de transformações no activismo social permeado pela própria teoria social. É o caso de novas formas de fazer política sexual e, simultaneamente, de entender as identidades (ou a fragilidade destas): exemplo disso será o discurso sobre o HIV/Sida, que questionou o estatuto do sujeito no discurso biomédico; enfatizou as práticas sexuais e não as identidades; promoveu uma política de coligação que repensou a identidade em termos de afinidade e não de essência; e entendeu o discurso como uma realidade não separada da prática ou de segunda ordem. (ALMEIDA, 2003, p. 70)

Jeffrey Weeks no livro *Sexuality and its discontents* aponta para as ressignificações que a homossexualidade sofre a partir da epidemia de HIV/AIDS e sobre o surgimento de categorias novas que apontam para uma desessencialização dos discursos. O pânico moral, as reações diversas, o caótico, as instabilidades. O campo de conflitos entre o político, o social e o moral. Interesses e mobilizações que extrapolam as questões de identidades sexuais recaem sobre disputas e garantias de direitos.

² Corrente teórica consolidada nos anos de 1990 que debate as necessidades da comunidade gay, ultrapassando discursos biológicos, religiosos e morais. Promove reflexões sobre os direitos, a cidadania, as subjetividades, as identidades, baseada na noção de gênero. Uma visão mais ampla no que diz respeito a comunidades "desviantes" em oposição as normatividades sexuais, aos mecanismos de controle social e poder político.

Certain forms of sexuality, socially deviant forms — homosexuality especially — have long been promiscuously classified as ‘sins’ and ‘diseases’, so that you can be born with them, seduced into them and catch them, all at the same time. But today you are less likely to be condemned as immoral and more likely to be labelled sick. Disease sanctions govern and encode many of our responses to sex. It is this which makes the moral panic around AIDS (acquired immunodeficiency syndrome) so important. It condenses a number of social stresses and throws unprecedented light on them. What is so very striking about the moral panic around AIDS is that its victims are often being blamed for the illness. And as most people with AIDS to date (at least in Western industrial countries) have been male homosexuals, this must surely tell us something about the current sexual climate. (WEEKS, 1985, p. 45)

Weeks nos faz refletir sobre os estranhamentos e as diversas linhas de posicionamentos e como surgem os pânicos morais. Infiltrações de discursos segregacionistas, religiosos e moralistas no terreno do desconhecido. A vontade de opor os extremos como certo e errado, proclamar leis capazes de reger os comportamentos sexuais tidos como desviantes. Culpabilizar as vítimas, barrá-las do convívio social e demarcar os espaços de sociabilidade utilizando o autoritarismo, violência psicológica e a força bruta em muitos casos.

A estudiosa e escritora Susan Sontag em sua obra *AIDS e suas metáforas* nos apresenta um panorama das múltiplas facetas que os discursos em torno das doenças encaradas como epidêmicas e transmitidas via ato sexual motivaram. Doenças (também) transmitidas pelo sexo eram e ainda são, em grande parte, consideradas a invasão de um indivíduo com conduta questionável a uma comunidade inteira, mecanismo excludente, tendo em vista que o discurso predominante é o de que a própria vítima é a culpada, afinal, é ela quem pratica os excessos, as perversões sexuais de toda natureza, ou seja, a culpa é apontada devido à inclinação para um exercício demasiado de atividade sexual, trocas constantes de parceiros e orgias de toda a ordem.

A AIDS apresenta todas as formas de sexualidade que não a união monogâmica estável como promíscuas (e portanto perigosas), assim como divergentes, já que todas as relações sexuais são, indiretamente, também homossexuais. O medo da sexualidade é o novo registro, patrocinado pela doença, do universo de medo no qual todos vivem agora [...] agora temos medo de pessoas poluentes, consequência inevitável da ansiedade causada pela AIDS. [...] A vida — o sangue, os fluidos sexuais — é ela própria o veículo da contaminação. Estes fluidos são potencialmente letais: melhor abster-se deles. (SONTAG, 2007, p. 134 e 135).

O HIV/AIDS é apresentado por Sontag sob forma metafórica, uma metáfora militar, a doença como castigo. Encarada como invasor que vem de fora, o estrangeiro, uma verdadeira guerra anunciada, o vírus dos marginalizados, dos merecedores de

punição, dos praticantes de sexo antinatural, dos homossexuais liberais promíscuos. A doença do outro, pois, é o perigo que não adverte que não tem rosto, que vem do além-mar, do país estrangeiro, ameaça invisível. O símbolo do apocalipse, um terror generalizado e estigmatizado nos grupos de risco.

Nas obras *Histórias positivas* e *Os perigosos* Marcelo Bessa apresenta a literatura que desconstrói e constrói os discursos em torno do HIV/AIDS. Demonstra por meio de leituras teórico-clínicas e de leitura literária como essa epidemia era divulgada nos anos de 1990 no Brasil e qual era o tratamento auferido pela medicina, pela sociedade e pelos escritores de literatura. Bessa faz um estudo analítico sobre o que ele chama de "epidemia discursiva" e aponta um questionamento — a palavra contamina ou a palavra é contaminada? O estudioso utiliza textos do escritor Caio Fernando Abreu pra ilustrar sua pesquisa. Debate o quão o discurso biomédico foi contagiado pela falácia extracientífica, um discurso carregado de estigmas e de mecanismos excludentes: "infecções metafóricas". A linguagem que contamina a si mesma, que está presente em todos os discursos sobre AIDS, inclusive no literário.

O discurso literário se edifica por metáforas a partir do discurso literal/real estabelecido pela medicina, o último também tem a inscrição do metafórico que repudia ou tenta solapar. Essa divisão rígida e hierárquica, com determinados propósitos, acaba legitimando umas metáforas como literais e outras como literárias. Ou seja, nenhum discurso sobre o HIV/AIDS está isento de contaminação de palavras e cada um desses discursos trará e dará à doença uma face diferenciada que servirá a seus próprios interesses. É claro que estamos tratando aqui da epidemia de AIDS nos anos de 1990. O que temos hoje, no século XXI, no Brasil, é um quadro bastante diverso do anterior, mas que continua deixando os infectados conhecidos às margens e alimentando os preconceitos em torno da AIDS com a disseminação de informações deturpadas nas diversas mídias e discursos esvaziados de dados científicos que anulam a garantia de direitos e dividem as sociedades.

O professor e teórico Ítalo Moriconi ressalta em seu artigo intitulado *Urgência, orgia, escrita da AIDS* pontos que interligam os debates sobre o vírus da imunodeficiência humana com outros campos do saber das ciências humanas. Ele nos apresenta as dimensões sociais e literárias do que chama de "fenômenos extremos" e "discurso urgente". Moriconi evoca a tribo dos *barebackers*, dos homossexuais homens que ousam transar sem camisinha em tempos de AIDS, que fazem sexo anônimo em ambientes públicos e privados, que desafiam a morte em busca da satisfação, do prazer.

A tribo semi-secreta e anônima dos *barebackers* é a face rebelde e ilógica, desafiante e arriscada, que faz contraste histórico-político ao projeto burocrático de enquadramento social via casamento gay. Antes porém de promover ações de criminalização ou estigmatização, seria interessante investigar a que necessidades corresponde o comportamento sem-borracha. Para além do direito dos soropositivos a terem uma vida sexual plena ou dos não-soropositivos a disporem de seu corpo como julgarem melhor, a postura *bareback* traduz uma insatisfação com o ritmo lento que as pesquisas sobre Aids adquiriram, uma vez garantida a força de trabalho pela ação do coquetel. Trata-se de reivindicar, ainda e sempre, a tecnologia suficiente para erradicar o retrovírus do corpo humano, virando de vez essa página da história da saúde e do corpo. (MORICONI, 2006).

A escrita urgente é um gênero discursivo, um campo bem delimitado em que o discurso artístico/literário sobre AIDS está incluído. Ítalo Moriconi ressalta um possível desejo de morte em Caio Fernando Abreu e fala sobre o surto criativo que a condição soropositiva engendrou no escritor, a qualidade da urgência da escrita da AIDS está intimamente ligada à condição homossexual.

Todos estes teóricos e estudiosos formam uma base sólida para adensar e adentrar na leitura literária de *Pequenas Epifanias*. Partindo destas considerações, as palavras poéticas de Caio Fernando Abreu ganham contornos e demonstram seu caráter documental: um amplo registro artístico de como a AIDS foi encarada no Brasil entre meados dos anos de 1980 e 1990, pela voz de quem viu e viveu a doença.

Contaminação discursiva

Caio F., muito antes de saber-se soropositivo, já mencionava em seus escritos a temática do HIV/AIDS, afinal, foram anos convivendo cotidianamente com o vírus e com a morte de tantos conhecidos e amigos. O medo, as dúvidas, as falsas verdades que o cercavam eram transferidos para seus textos, tantos nas páginas de jornal, como para seus contos e romances.

Na crônica "A mais justa das saias" escrita no fim da década de 1980 e resgatada em *Pequenas Epifanias*, Caio fala sobre a contaminação psicológica e a paranoia em que as pessoas viviam imersas no medo de adoecer, de serem marcadas pelos estigmas de uma "vida sexual desregrada".

Afinal é preciso que as pessoas compreendam que um homossexual não é um contaminado em potencial, feito bomba-relógio prestes a explodir. Isso soa tão cretino e preconceituoso como afirmar que todo negro é burro e todo judeu, sacana.

Heteros ou homos (?) a médio prazo iremos todos enlouquecer, se passarmos a ver no outro uma possibilidade de morte. Tem muita gente contaminada pela mais grave manifestação do vírus — a aids psicológica. Do corpo, você sabe, tomados certos cuidados, o vírus pode ser mantido a distância. E da mente? Porque uma vez instalado lá, o HTLV-3 não vai acabar com as suas defesas imunológicas, mas com suas emoções, seu gosto de viver, seu sorriso, sua capacidade de encantar-se. Sem isso, não tem graça viver, concorda? (ABREU, 2006, p. 59 e 60.).

A descoberta do HIV em meados de 1994 atinge Caio F. bem no auge de sua carreira literária. Ele escreve um conjunto de quatro crônicas/cartas, no período de pouco mais de um ano e meio (sobrevida). A primeira deste conjunto de cartas, intitulada "Primeira carta para além do muro" foi escrita durante um amargo agosto, mês que em sua obra, muito antes da doença, já aparecia como símbolo de sofrimento, angústia e dor. Neste texto, aparece um Caio abatido, tristonho e ao mesmo tempo em que nos mostra toda sua fragilidade, surge como uma voz potente, demonstrando garra diante do vírus: "Dói muito, mas eu não vou parar. A minha não-desistência é o que de melhor posso oferecer a você e a mim neste momento. Pois isso saiba, isso que poderá me matar, eu sei é a única coisa que poderá me salvar." (ABREU, p. 106.)

Todas essas quatro cartas representam a luta de um homem contra um vírus avassalador, mortal e que engendra, no caso de Caio F., uma vontade maior em escrever, trabalhar e viver. No trecho a seguir da "Segunda carta para além dos muros" podemos observar claramente esta postura, "Tantos, meu Deus, os que se foram. Acordo com a voz safada de Cazuzza repetindo em minha orelha fria: 'Quem tem um sonho não dança, meu amor.' Eu desperto, e digo sim. E tudo recomeça." (ABREU, p. 110) Naquela que seria a "Última carta para além dos muros", Caio escreve:

Sei também que, para os outros esse vírus de *science fiction* só dá em gente maldita. Para esses, lembra Cazuzza: "Vamos pedir piedade, Senhor, piedade para essa gente careta e covarde". Mas para você, revelo humilde: o que importa é a Senhora Dona Vida, coberta de ouro e prata e sangue e musgo do tempo e creme chantilly às vezes e confetes de algum Carnaval, descobrindo pouco a pouco seu rosto horrendo e deslumbrante. Precisamos suportar. E beijá-la na boca. De alguma forma absurda, nunca estive tão bem. (ABREU, p. 113)

No texto nomeado como "Mais uma carta para além dos muros", em um devaneio pelo qual foi acometido, devido aos efeitos causados pela doença e os tratamentos aos quais era submetido, nos põe frente a frente com a morte/vida, por meio de seu discurso apaixonado e estarecido. Ele conversa com o que denomina de *Alguém-Ninguém* e conta

a história de seu encontro com a morte, e desafiando Deus conseguiu habilmente persuadi-la. Caio descreve a *dama da noite* como musa, linda, sem ar de superioridade, uma sacerdotisa prestes a lhe arrancar a vida. Depois disto não a vê mais, mas sabia que um dia ela voltaria e, dessa vez, definitivamente, por ser este o destino irremediável dos homens.

Tão próxima da minha a cara do meu horror de verme vivo, seria fácil ir com ela. Mergulhar em alívio no buraco negro meu de bicho vil, no meu pedantismo de animal aculturado. Para sempre: ir. Para o outro lado, onde? Eu não quis. Ou foi Deus que não deixou? Não era hora ou Deus nem tem nada a ver com isso ou qualquer outra coisa, e sequer existe. Não sei. Sei, sem dúvida, que a vi. Depois, emergindo do coma artificial da morfina, cateteres enfiados nas veias, nunca mais a vi. Pelos corredores sangrentos das CTIs, pelos brancos labirintos hospitalares, empurrando macas, fazendo curativos, em nenhum lugar estava mais. Desapareceu. Não temo que volte um dia. E voltará, sina de todo o humano. E sei, sabemos perfeitamente quem é essa cara nossa de cada dia, sempre à espreita. Alguém-Ninguém parece despertar. Como se chamava? Pergunta. Respondo em voz tão baixa que nem sei se chego a falar. Nem é preciso. Amanhã à meia-noite volto a nascer. Você também. (ABREU, p. 200 e 201).

Finalizações em aberto

Com as propostas teóricas e de leitura da sociedade em que os pântanos coletivos figuram, o estranhamento causado por essa doença que se transforma em linguagem literária e de resistência, tratadas anteriormente pelos teóricos supracitados e aproveitando as ricas contribuições auferidas pelo filósofo Michel Foucault, tendo em vista sua agitada vida pessoal, sua precoce morte decorrente de infecções oportunistas causadas pela AIDS e sua transgressão deliberada. Evoco de seus manuscritos inquietações sobre sexualidade(s), punições, restrições e um exercício constante a que o poder nos desloca e impõe nos arranca grosseiramente da zona de conforto e nos mostra a face mais cruel da hipocrisia.

É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (já que ele é, ao mesmo tempo, o elemento oculto e o princípio produtor de sentido), à totalidade de seu corpo (pois ele é uma parte real e ameaçada desse corpo do qual constitui simbolicamente o todo), à sua identidade (já que ele alia a força de uma pulsão à singularidade de uma história). (FOUCAULT, 2015, p. 169)

Baseado nas palavras e no pensamento foucaultiano, podemos retomar diversas questões levantadas durante este trabalho: como a sexualidade é encarada pela sociedade

que está de fora destes dilemas singulares? Como a atividade sexual deliberada é vista pelos moralistas? Como lidar com tantas dúvidas e julgamentos diante de condutas sexuais distintas e que são fonte de prazer e risco à saúde? Como escapar das ciladas médicas, das doenças incuráveis, da falácia preconceituosa e reducionista em relação às escolhas e predileções individuais? A quem devemos culpar? Há culpados ou vítimas? São muitas perguntas com respostas amplas e pouco consenso em relação a elas. Foucault em seus estudos e Caio Fernando Abreu em sua literatura nos desviam do puramente tradicional, moral e encarado como "natural". Abrem as possibilidades e nos fazem refletir sobre elas, apesar da morte do filósofo ter ocorrido em 1984 e do escritor em 1996, ambos ainda tem muito para contribuir.

O vírus da imunodeficiência humana e a síndrome da imunodeficiência adquirida que estão à solta por toda parte, continuam silenciosos e agora ainda mais camuflados. Os estigmas e marcas físicas não são mais visíveis, não existem mais grupos de risco, o "câncer gay" se foi e abriu caminho para uma doença que cresce em números catastróficos e que engendra uma infinidade de metáforas e distorções. No século XXI as prerrogativas são outras e os regimes de verdade sobre o sexo, sobre as condutas desviantes, o controle e os processos de estranhamento caminham por vias escusas, cada vez mais. Apesar das inúmeras descobertas científicas e tecnológicas, do avanço nos debates militantes e das garantias oferecidas pelos direitos humanos, a AIDS psicológica continua fazendo suas vítimas. Estamos em tempo de discurso do ódio, da intolerância em todas as suas horríveis facetas e das tentativas de silenciamento das ditas "minorias" sociais.

A contaminação discursiva expressada por meio da literatura de Caio Fernando Abreu, demonstrou que os discursos criados em torno da AIDS passaram e passam por diversas modificações de ordem social, política, religiosa e literária. As metáforas geradas a partir da divulgação científica e extracientífica criaram fatos que alteraram a realidade do HIV/AIDS e de seus doentes. A literatura, em diálogo com as humanidades, oferece diversas abordagens, apresentando novas realidades e maneiras de tratar sobre esse tema ainda tão polêmico e controverso, expondo a visão subjetiva do sujeito que vive a doença e o outro que apenas julga e observa.

Referências

Revista Crioula USP, nº 17, junho de 2016

- ABREU, Caio Fernando. *Pequenas epifanias*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Antropologia e sexualidade consensos e conflitos teóricos em perspectiva histórica* in A sexologia, perspectiva multidisciplinar, org. Lígia Fonseca, C. Soares e Júlio Machado Vaz, Coimbra: Quarteto, vol II, pp 53-72, 2003.
- BESSA, Marcelo Secron. *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a AIDS*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- _____. *Os perigosos: autobiografia e AIDS*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade saber*. 3ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2015.
- MECCIA, Ernesto. *La cuestion gay: un enfoque sociológico*. Buenos Aires: Gran Aldeã Editores, 2006.
- MORICONI, Ítalo. *Urgência, orgia, escrita da Aids*. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/colonistas.asp?id=1745>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2016 (publicado em 13/09/2006).
- SONTAG, Susan. *A doença como metáfora / AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia de bolso, 2007.
- WEEKS, Jeffrey. *Sexuality and its discontents: meanings, myths & modern sexualities*. London and New York: Routledge and Kegan Paul Ltda, 1985.